

# Aprendendo a arte de ser veaco: uma etnografia de diálogos mais que humanos

## Learning the art of being veaco: an ethnography of more than human dialogues



Gustavo Henrique Tavares Alves

Universidade Federal de Goiás, Goiânia, Goiás, Brasil

[ghenrique3@discente.ufg.br](mailto:ghenrique3@discente.ufg.br)

**Resumo:** Os estudos voltados para a ecologia política estão sendo cada vez mais abordados, e a sua importância se destaca na medida que se pensa a existência e a continuidade da vida humana e não humana, partindo de uma perspectiva de quem ou o que pode participar da composição do mundo comum. As intenções postas com esse tipo de pesquisa é de problematizar a divisão entre a natureza e cultura; que neste caso, é realizada através do entendimento de que a lua governa a terra, e de que os animais são pagãos, observadas durante os meses de março de 2020 a janeiro de 2022. Tendo como intermédio principal minha querida avó Clarice, uma mulher guerreira e forte, como um esteio de madeira de lei, que junto a sua mãe, pai, irmãos, primos, filhos e netos povoam as terras onde é considerado a divisa entre os municípios de Cavalcante e Minaçu - Goiás a pouco mais de cinquenta anos. Entrelaçando redes de parentescos, amizades e saberes ora com a fazenda onde me encontrava, ora com os demais membros das outras fazendas e comunidades da região. Assim, os relatos das observações e experiência são embasados em vivências que se deram na prática, no convívio diário com pessoas que vivem a vida tendo um contato íntimo com o mundo.

**Palavras-chave:** Humano e não humano. Relação multiespécie. Cosmopolítica.

**Abstract:** Studies focused on political ecology are being increasingly addressed, and their importance stands out as we think about the existence and continuity of human and non-human life, starting from the perspective of who or what can participate in the composition of the common world. The intentions of this type of research are to problematize the division between nature and culture; which in this case, is accomplished through the understanding that the moon rules the earth, and that animals are pagan, observed during the months of March 2020 to January 2022. Having as my main intermediary my beloved grandmother Clarice, a warrior woman and strong as a wooden pillar, who together with her mother, father, brothers, cousins, children and grandchildren populate the lands considered the border between the municipalities of Cavalcante and Minaçu in the state of Goiás. For just over fifty years, Clarice has been creating networks of kinship, friendships and knowledge that are intertwined with the farm where I was, and with other members of other farms and communities in the region. Thus, the reports of observations and experience are based on experiences that took place in practice, in daily interaction with people who live their lives having intimate contact with the world.

**Key words:** Human and non-human. Multispecies relationship. Cosmopolitics.

*Recebido em: 30 de janeiro de 2023.*

*Aceito em: 23 de outubro de 2024.*

## Introdução

O objetivo desta pesquisa não é expor um processo de criação ou de destruição em específico, a proposta aqui é falar em como mobilizar as criações nos seus mais diferentes níveis e camadas, almejando propor possibilidades de rotas que têm como fundamento a tomada de precauções com aquilo que se vê e não vê. Descrevo o modo singular de habitar o mundo dos agricultores das terras entre Cavalcante e Minaçu, na perspectiva de redimensionar o olhar para conexões parciais que são feitas por elas e eles, de como os ambientes são propícios à proliferação das vidas. Parto do pressuposto que esse tipo de conhecimento estabelece suas bases em meio a inconstância do mundo, lidando com os perigos, “com a indeterminação e com a instabilidade e se arrisca continuamente a cada especulação” (Vieira, 2015, p. 39).

Trata-se então de uma forma de saber que se guia através dos rastros deixados sobre a superfície da terra e, por isso, busco acompanhar como são seguidas as redes que vislumbram os fluxos de vida entre as multiespécies. Nesse sentido, apuro os movimentos de ser veaco<sup>1</sup> utilizados para um modo de viver que se inspira em aproveitar a governança lunar e dos diálogos que ocorre entre os animais, as plantas, astros etc. Por fim, intento compreender como se dá o processo de interação entre as vivências e as experiências, que fazem com que estas articulações estejam em constantes transformações.

A inspiração para a pesquisa aflorou a partir de inquietações acerca da perspectiva ecológica que nos requer estar sempre veaco com as possíveis ações dos animais, da água, do fogo, da lua etc. Precauções que foram compartilhadas durante o período

<sup>1</sup> Embora a atribuição do termo possa ser aplicada no sentido degenerativo, para representar uma pessoa caloteira, um mal pagador, o termo é também utilizado no sentido de ser ou estar esperto com que acontece à nossa volta, de cultivar a precaução e que neste caso é o utilizado.

de março de 2020 a janeiro de 2022 e, em outros momentos principalmente por minha querida avó Clarice, uma mulher guerreira e forte, como um esteio de madeira de lei, que junto a sua mãe, pai, irmãos, primos, filhos e netos povoam as terras onde é considerado a divisa entre os municípios de Cavalcante e Minaçu - Goiás a pouco mais de cinquenta anos. Entrelaçando redes de parentescos, amizades e saberes ora com a fazenda<sup>2</sup> onde me encontrava, ora com os demais membros das outras fazendas e comunidades da região.

Durante pouco mais de um ano e meio que estava residindo lá experienciei rotineiramente as dinâmicas da fazenda. Foi mais ou menos no meio desse percurso que comecei a compreender como as práticas cotidianas são entrelaçadas com o tempo lunar. Trata-se de uma arte, uma tecnologia que é baseada em uma série de especulações acerca de como a influência lunar é exercida no mundo, nos mais diferentes níveis e camadas da vida, isto é, no plantar, colher, manusear o barro ou madeira, nas águas e no vento, entre outros. Algo que é tido como fazer as coisas no tempo certo, do contrário, a não tomada destas medidas de precaução é lida como desatenta, ou pouco veaca.

Logo a narrativa contada é interessada nas especulações que condensam o tempo lunar e o tempo do calendário, de modo que a fusão entre eles corresponde ao momento mais apropriado para agir/interferir, ou tentar significar o que se passou. Nesse sentido, nos leva a caminhos análogos ao apresentado por Michel Serres (1994, p. 52), de pensar no tempo em que ainda não vivemos, pensar nos ritmos e alcances da terra, em uma volta aos pensamentos que contemplem o respeito ao tempo da chuva, do vento, e neste caso, o da lua.

<sup>2</sup> Na região se costuma dizer que, a palavra fazenda vem do fazendo, e por isto quando se mora na fazenda sempre se tem algo a se fazer.

Podemos, decerto, atrasar os processos já lançados, legislar para se consumirem menos combustíveis fósseis, replantar em massa as florestas devastadas - tudo excelentes iniciativas, mas que, no fundo, remetem para a imagem do navio que avança a vinte e cinco nós na direção de uma rocha na qual sem dúvida embaterá, enquanto na ponte de comando o oficial de dia recomenda ao maquinista que reduza a velocidade em um décimo, sem mudar de direção. (Serres, Michel, 1994, p. 54).

Utilizando de recursos imaginativos para compor esse entendimento, partimos da imagem que o filósofo Michel Serres nos fornece, da iminente colisão do navio com a rocha. E que nos encontramos a bordo de uma outra embarcação puncionada por saberes ancestrais, que inclusive, segue navegando em sentido contrário ao adotado pelo oficial do dia, que sustenta suas tomadas de decisões considerando a existência de uma suposta divisão entre natureza e cultura, onde o domínio da cultura promoveria a ascensão da espécie humana ao topo da natureza.

Passando a navegar na embarcação pulsionada pela ancestralidade, a lógica da capacidade da atuação humana é invertida, pondo abaixo o entendimento de que se poderia protagonizar e remediar os desfechos de todos os acontecimentos do mundo, ser portadora da voz ativa em todas as discussões. Que remetendo a ideia de como são traçadas as coordenadas para se navegar, se observa sendo organizada sem a instauração de um parlamento (Latour, 2019), que leva em consideração as vozes das múltiplas espécies e astros, que conseqüentemente são interpretados como não dotadas de interesses. Essa subjugação, no entanto, oferece coordenadas pouco confiáveis, por exemplo: supondo que talvez o comandante não saiba, mas as águas que estão prestes a navegar tem muitas rochas próximo a superfície,

que quando na lua cheia até que dá para “aproveitar de suas forças” e cortar caminho por lá; mas como hoje é o ápice da minguante, é provável que a maré esteja muito baixa e reduzir a velocidade em meio elas não vai ajudar.

Nos guiamos neste sentido pelas suposições, as probabilidades de um tempo que ainda não vivemos, em que a suposta divisão entre natureza e cultura que conceitua o pensamento moderno e a forma de existência proposta por ele, é posta abaixo.

A partir das reflexões sobre a constituição da humanidade, a palavra cultura é concebida como força ativa e criativa que molda uma natureza passiva e dada, externo à atividade humana. Como observou o antropólogo britânico Tim Ingold (1995), o estado do ser humano no pensamento. A cultura ocidental é dicotômica: por um lado, a humanidade é uma espécie animal entre outros, e animalidade é um domínio que inclui humanos; por outro lado, a humanidade é uma condição moral que exclui animais (Vieira, Caballero, Fujigaki, 2022, p. 2).

6

## Os Bichos são Pagãos

No dia 7 de abril de 2021, completava um ano que eu estava morando na fazenda, dos principais motivos que levou à repentina mudança de estadia, da cidade para a fazenda, era para correr de onde a pandemia estava fervendo, no intuito de se proteger e poder fazer as coisas. Pois, em um sentido apocalíptico se fazia necessário fugir de uma guerra contra um vírus, silencioso e destrutivo poucas vezes visto antes, que coincidentemente no dia 06 de abril de 2021 bateu recorde de vidas abatidas no Brasil: 4.195. Agindo de modo sorrateiro e com grande poder de alcance, o vírus é transmitido pelo ar envolvendo as pessoas, as coisas e

vice-versa, em uma rede de contágio que para rompê-la orientasse evitar o contato físico, manter o distanciamento social e usar máscara, além de sempre lavar as mãos e esterilizar as coisas.

Contudo, o alcance desta rede era entendido pelos moradores como se não se estendesse para depois de alguns quilômetros fora do asfalto, visto que, as relações sociais na região seguiam seu curso normal, sem aplicação de qualquer tipo de restrição. Podendo, assim, banhar no rio, plantar, colher, andar e correr, procurar remédios no mato, como também, lenhas, cocos, catulés, cajus, pequis, fazer visitas e reuniões. Interações dinâmicas que são associadas a um desaceleramento da vida, pois como se costuma dizer por aqui, a palavra fazenda vem do fazendo, e por isto quando se mora na fazenda sempre se tem algo para fazer. Fazeres que geralmente são articulados logo de manhã bem cedo com os sonhos, sinais e sensações, de modo que essas atividades às vezes são postas em questão para se pensar o desenrolar e emaranhados de relações com o mundo. Uma forma de relação que parece seguir aspectos semelhantes ao apresentado por Ailton Krenak, quando diz “ser simplesmente bom, sem nenhum objetivo” (Krenak, 2019, p. 32).

Para tal, sigo então por caminhos contrários aos das tradicionais produções científicas, que quando volta o olhar para esse bioma, o abordam no sentido de promover ações e projetos que visam intensificar ou mitigar ações consideradas danosas à biodiversidade da flora e da fauna desse ecossistema. Negligenciado assim, os aspectos antropológicos das pessoas que habitam aquelas terras, como seus conhecimentos, costumes, ritos e suas práticas sociais. Por isso penso o ecossistema, as relações entre as pessoas, os animais, as plantas, a preservação, sobretudo no que tange às questões relativas aos modos de existência, humana e não humana (Latour, 2013). Contudo, busco

superar aspectos que sejam tão somente zoológicos ou botânicos, pois esses por si só não são capazes de manifestar a completude e a relevância ecológica da fauna e da flora, pois uma vez salientada ou ressaltada constitui apenas uma parcela desagregada da composição total, tal como salienta Isabelle Stengers em *Ecologias das práticas* (2009).

A perspectiva é buscar pensar junto a esta forma de saber minoritário as questões ligadas aos debates ambientais, no que tange a criação de ambientes propícios para proliferação da vida. Sistematizadas através de uma rede de saberes especulativos acerca das forças exercidas por outras agências que influenciam desfechos de alguns acontecimentos sobre a terra, e que conduz os artifícios e cuidados tomados com princípios de precaução (Stengers, 2009). Acontecimentos tais como o ocorrido em janeiro do ano de 2021, que após meses de muito trabalho e expectativas para a colheita, a roça foi completamente consumida pelo gado da fazenda. O caminho para a exposição desta narrativa busca desta forma alinhar uma escrita detalhada a experiências desfechos destas atividades em especial, de modo a refletir sobre a ideia de os animais serem pagãos.

Localizado no cerrado o espaço é formado por vários litros d'água, em muitos hectares de terra, juntos os dois elementos dão forma aos mais diversos campos e matas, abertas e fechadas, veredas e paredões, um conjunto botânico de inúmeras paisagens exuberantes. Estando em meio a temporada das águas que costuma se iniciar em meados de outubro a março, o mês de janeiro costuma ser bastante chuvoso, passando, às vezes, dias sem parar de chover, outras horas parando e logo voltando a cair um pé d'água. Toda essa água faz revigorar ainda mais a tonalidade de cores neste imenso espaço, que vai do roseado do céu indicando a vinda dos ventos frios, ao amarelo e roxo dos ipês, o rosa com lilás

dos caroás, entre outros tantos, que poderia mencionar.

Figura 1 - Entre as matas, pedras e águas. Fazenda córrego do Palmito



Fonte: Acervo pessoal do autor, 15 maio 2021.

“No cerrado tem muita água por conta das serras que permitem ela correr”.

A esta altura do ano os pastos já se encontram todos verdes, os rios estão muito cheios, também os pés de manga, abacate, laranja, tangerina, lima, banana etc., além das roças de milho, mandioca, abóbora e feijão. Como as roças geralmente só são tocadas no período das águas, a sua chegada é sempre acompanhada de expectativas e associações com os anos anteriores, que já em meados do dia 24 de julho, dia de São João, tem suas primeiras associações realizadas. Um dos sinais observados, nestas primeiras chuvas temporãs, é que se as chuvas caem pela parte da manhã

é sinal que elas poderão durar muito, e que as apostas na lavoura podem ser aumentadas, mas quando acontece de cair à tarde é um sinal que não vão durar muito, sendo um sinal de atenção redobrada.

Outro ponto assimilado em relação às chuvas trata-se do rumo que ela virá, por exemplo, com o lado que o pequeno pássaro João de Barro constrói a entrada a sua casa, pois se a entrada for construída virada para o leste é provável que a chuva venha do Oeste e vice-versa tanto para o norte quanto para o sul. O tempo que antecede o início da temporada das chuvas é geralmente seco e quente, que deixa não só a sensação térmica mais elevada, como também deixa as emoções tensas em relação às queimadas que estão para chegar. Os primeiros sinais de que este momento está para se intensificar aparecem após o início ou final das chuvas de abril a setembro, onde se atea fogo nas árvores derrubadas para dar espaço para as novas roças, e nos pastos para que o capim possa ser renovado.

A espera pela chegada destas chuvas se dá por uma associação entre a água e o fogo, por deixar folhas e árvores mortas e caídas encharcadas, e logo irá diminuir a possibilidade de o fogo entrar nas matas. As discussões que abordam essa possibilidade se iniciam pelo entendimento de que “para o fogo não se fala, chega”, e uma vez que ele rompe os locais destinados à formação das roças e pastos, ele poderá andar para qualquer campo ou mata destruindo tudo. Se encontra na pressuposição de que para o fogo não se fala chega, uma importante singularidade das ecologias dos moradores locais, que são guiadas por meio da teoria dos fluxos, onde se põem abaixo divisões como natureza e cultura, tal como na antropologia simétrica (Vieira, 2015).

Assim, no caso do fogo em específico que poderia ser encapsulado na categoria de natureza, de modo a se pensar em

métodos para controlá-lo, é de imediato descartado pelo fato de não se poder dialogar com ele. Isto é, não se busca na cultura mecanismos para se estabelecer vias para que este diálogo possa ocorrer, o que se tem por outro lado são articulações de mecanismo internos para se reagir a ele, que são pensadas no sentido de neutralizar as relações. Com práticas como, por exemplo, a de colocar o contra fogo, que consiste em atear fogo no lado contrário ao foco para que ambos ao irem de encontro se apaguem, como também rezas e pedidos a Santos, como Divino Pai Eterno.

O fogo quando atinge este estágio de descontrole perde de imediato a sua dupla função, que quando feito sobre controle, o que por ele é consumido é também vangloriado, como um caminho para a proliferação da vida. No caso específico da formação da roça a dupla função do uso do fogo é que, queimando onde irá plantar, o fogo se encarregará de limpar o espaço, matar as ervas daninhas, os pequenos insetos que se encontram embaixo da terra e deixará assim, a terra mais fértil para as plantas se desenvolverem. Além de queimar o capim que quando seco permanece preso a sua moita atrapalhando o nascer de novos brotos.

Desta maneira, a dupla função do fogo repousa sobre a perspectiva de se agir intencionalmente para que ele mate determinadas espécies de plantas e insetos, de modo que as mortes promovidas por ele, represente uma ampliação na possibilidade de proliferação das espécies que temos interesse. Do contrário, quando não há intenção de promover alguma ação sobre as mortes por ele geradas, seus feitos são interpretados como de destruição. O destaque neste sentido, é quase sempre posto na morte ou no morrer como um ponto para se pensar a vida, pois a garantia da criação ou continuidade de sua existência é conferida através das mortes que por ela são requeridas.

A ênfase que se tira da vida deve-se em partes ao fato de

não partir da possibilidade humana de gerá-la, se atribui a força e relações que seu controle extrapola nosso domínio, explicadas apenas como de intervenções divinas. Sendo apenas elas que podem conceber a vida, mas por outro lado, a morte já se apresenta mais palpável, sendo deste modo, importante pensar se não magoa os desígnios que são divinos. Os sinais de que se está magoando tais princípios ocorrem quando, por exemplo, há um fluxo de água no local seja de nascente, poço, riacho, córrego, represa ou outro, e se coloca fogo, brigam pela água, esta fica magoada e vai embora, pois não gosta de briga.

Os mesmos princípios são aplicados ao ofício de se formar a roça, que denota a tomada de várias medidas de precaução para lidar com a morte, pois as reações podem ser das mais adversas, com perigos que criamos com o fogo ou de derrubar/matar uma árvore, e também outros que não criamos, tais como, cobras, escorpiões, aranhas e até mesmo onças. Assim, o mundo é concebido como um ambiente perigoso, que se deve permanecer em uma atitude de alerta com tudo e todos os seres, que perpassa uma atitude denominada de veaco.

As decisões que ressaltam a tomada desta atitude de ser ou estar veaco, se dão através de especulações de acontecimentos e diálogos observados da mudança do tempo, dos astros, do regime de chuvas, das ações dos seres não humanos etc. O mecanismo que retoma a atitude de estar veaco se nutre de especulações e conexões parciais (Strathern, 2004), buscando entremeio a elas o significado das causas. Uma expressão que percebi bastante utilizada pelos moradores, fazendo ressalva a esta maneira de se viver é, “tem que saber o mato que se lenha”, ou “fulano sabe o mato que lenha”. Geralmente, dentro do mato há muita madeira, mas só algumas servem para lenha. Ou seja, o olhar é direcionado no sentido de conhecer algo que poderia ser interpretado como

uma atividade retroalimentada, por perambular e por sentir euforia por encontrar uma boa lenha, ou na atenção se o que está sendo feito está magoando algo ou alguém.

Assim, todo o processo de formar a roça e também de tocá-la é marcado por uma variedade de associações e correlações, que vão desde a escolha da terra e local que a planta irá gostar de ficar, a quantidade de sol que vai precisar, qual fase da lua é a melhor para esta se desenvolver e tudo que pode ser feito para que não a magoe. Passando a ser um processo constante com o aguar, o capinar próximo, de modo a fazer ou tirar a sobra, adubar, etc. Não há um único sentido a ser seguido, pois pode acontecer, como já aconteceu, que mesmo tomando várias medidas de precaução e seguindo à risca o modo de se cultivar, ainda não conseguimos colher nada.

O que não significa dizer que tudo não foi válido, pelo contrário, duas lições emergiram desta situação, a primeira é, que fomos pouco veacos em relação à capacidade do gado (voltarei a este ponto logo mais); e a segunda, é que “os humanos não têm o monopólio da posição de agente e sujeito, não são o único foco da voz ativa no discurso cosmológico (Viveiros de Castro, p. 7). Entendimento que pode ser observado na prática sua aplicabilidade e importância, quando na segunda tentativa de formar a roça no mesmo lugar, apesar dos pesares conseguimos obter melhores resultados.

A primeira tentativa foi realizada pelas minhas irmãs, primas, primo e eu, e a segunda foi feita pela minha avó e por mim. Aquela sem muita resistência e com bastante tranquilidade expressava suas incertezas se a roça iria para frente, pois sem a luz do sol as plantas não poderiam se desenvolver. A tensão estabelecida ao modo como se deveria formar a roça se deu, em outras palavras, entre os sabidos e os vividos, em que a pouca resistência exercida

se converte no mecanismo mais sofisticado para a transferência de conhecimentos, dimensionada no sentido que retomar a vivência.

Essa retomada é realizada através de analogias a rastros e sinais observados sobre a terra, buscando ler a história do mundo através deles, e em meio a eles darem sentido às próximas cenas que são imaginadas, mas não premeditadas. Os agricultores se comportam neste sentido como leitores do mundo, analisado minuciosamente as forças e mudanças dos ventos, as posições das nuvens, o nascer e pôr do sol, a entrada e a saída de cada uma das fases da lua, das pegadas e pedras fora do lugar nos trilheiros e estradas deixadas por animais ou pessoas, e por aí vai pondo o olhar sempre nas reações das ações.

O mundo se abre como um infinito de possibilidades, apresentado por minha avó como um enorme laboratório, que poderíamos tentar à vontade e por quanto tempo fosse necessário. Minha avó fez apenas uma breve ressalva, que entendia o nosso apreço pela mata em pé, mas que teríamos que escolher entre a mata ou roça. Gostaria de ressaltar que exatamente naquele mesmo lugar onde estávamos tentando plantar, tempos atrás já havia sido formada uma roça e que, se hoje se encontra do modo como estava, é porque a natureza se encarregou de tomar de volta o que é dela.

Após meses de muito trabalho e praticamente todos descrentes de tentar, por ser uma atividade relativamente cansativa, tendo que ir regar de três a quatro pessoas, duas vezes ao dia, inicialmente todos os dias, depois quatro, três e aos poucos parando de ir. Como se tratava de um modelo experimental de cultivar que havíamos recém-descoberto na internet, classificada como agricultura sintrópica que é baseada no conceito de sintropia, caracterizado pela organização, integração, equilíbrio e preservação do ambiente. Porém, um dos conceitos chaves do

projeto passou despercebido por nós, o de integração, que não era o nosso caso, pois os locais a serem integrados são aqueles que não detém vegetação nativa.

A exposição das plantas ao sol neste projeto é pressuposta, e mediante a isto, é pensada uma organização em que se possa em um mesmo espaço ter a roça, horta e pomar juntos. Esta organização classifica o tamanho em altura e largura que as plantas podem alcançar, tendo em vista o quanto de sombra ela faz ao seu redor, para calcular a distância que outras podem ser plantadas sem que a luz do sol seja tampada. Ernst Götsch, que é o propulsor da ideia, menciona um interessante provérbio chinês, “agricultura é a arte de cultivar o sol”. Assim, achávamos que se tirássemos apenas as médias e pequenas árvores, para que o sol pudesse entrar a roça mesmo que minimamente, seria o suficiente.

Para tentar a aplicabilidade do projeto, foi organizado um revezamento para ir regando a roça, mesmo ainda estando distante da chegada do tempo das águas. Isso se seguiu por mais de dois meses, aí que entra a parte da pouca resistência de minha avó mencionada acima, que não inibiu a possibilidade da tentativa de se criar ambientes para a proliferação da vida. Que imaginando as disputas entre as plantas pelo sol, colocava em dúvida sobre se o milho, mandioca, feijão e abóbora que estávamos cultivando, não estavam sendo afogadas pelas sombras das árvores maiores. Sugerindo que para as elas prosperarem seria necessário desafogá-las, tomando o espaço de algumas espécies para outras, não tendo espaço onde não há vida, onde não se trata de uma relação de troca.

A ideia é defendida sob o argumento de que, por exemplo, o milho gosta muito de sol e se afoga facilmente com o mato e com a sombra, esse seria o principal problema pelo qual ele não teria conseguido prosperar na primeira tentativa. Além do mais,

haveria mais daquelas espécies de árvores próximas dali, sendo isto o importante a ser observado quando necessário fazer esse tipo de processo, pois o vento também se encarrega de replantar. A continuidade da vida destas árvores é pensada através de uma associação das outras árvores existentes, já para se cultivar o milho se junta a luz do sol, a força da terra, do fogo, da lua e até mesmo dos pequenos insetos que moram debaixo da terra, e também dos grandes animais que vagam sobre ela.

Figura 2 - Segunda tentativa de formação da roça. Fazenda córrego do Palmito.



*Fonte: Acervo pessoal do autor, 19 de dezembro de 2020.*

Esse tipo de percepção ganha mais força à medida que envolve cada vez mais relações entre espécie e a Natureza, de

maneira que as interações entre elas não são articuladas com intenção de hierarquizá-las, isto é, exceto no caso da lua que é concebida como governanta. Onde se busca entrelaçar relações íntimas entre os múltiplos fluxos de vida. As demais relações entre espécies são vislumbradas seguindo seus próprios fluxos, e os efeitos sobressalentes destas relações são vistos como mais relevantes do que as causas e do que as ações humanas.

Dizeres que ecoam bastante na região e que singularizam esse entendimento, é o de que “a gente só manda até onde nosso braço alcança”, o que significa que tudo que está para além dele, têm suas próprias vontades, seus gostos, suas manias e personalidades como o cavalo, a vaca, a galinha, etc. Bem como, que “animais que dormem no sereno não se confia”; que “planta sente”; que “a terra gosta que mexe com ela”; e “a lua governa tudo”. Trata-se de relações que são travadas através de observações diárias com as plantas, animais e astros em contato e relação que se põem de modo íntimo com o mundo.

Porém, esta atitude de ser veaco não se limita ao uso exclusivo do humano, ela também se estende aos animais e é interpretada através de suas ações. Podendo ser em nosso desfavor ou não, o juízo desses valores tende a ser sempre suspenso, não pensando a racionalidade deles através da nossa, mas em como eles lidam, ao seu modo, com cada situação. Por essas vias nos deparamos com questões que nos fazem repensar o lugar do humano no mundo, que é vivida sobre a atitude de alerta ao ser e estar veaco com as possíveis ações de todos os demais seres: não confiar, saber que não escuta, exercer força, sensibilizar com planta. Não é sobre um ou outro ser em específico e como eles são no mundo, no fluxo da vida, é sobre sintonizar e lidar com estas outras formas de ser e viver.

Como certo dia foi dado de ofício por minha avó, que eu e

minha irmã levássemos as vacas, Fortuna e Maravilha, para pegar cria na fazenda vizinha, pelo fato de, na nossa não ter boi. Foi combinado por minha avó com o Cleudemir, vaqueiro vizinho, de sairmos bem cedo, para não precisar ficar andando debaixo do sol muito quente, pois as vacas também não gostam, tanto é, que elas reservam o horário de pico do sol para ruminar. Por se tratar de um percurso relativamente longo, se tudo ocorresse conforme o esperado seria a primeira cria da Maravilha e a segunda da Fortuna, que inclusive seria a primeira noite que passaria longe de sua primogênita. Que não foi bem aceito por ela, e logo nas primeiras horas da noite apareceu berrando, demonstrado que os mais ou menos três quilômetros e meio de distância, as duas porteiras e um colchete, eram capazes de segurar o desejo de estar junto à sua filha.

Figura 3 - Tocando as vaca



Fonte: Acervo pessoal do autor. Foto por Susane T. Alves, 21 maio de 2021.

Outro acontecimento interessante que também ocorreu envolvendo as vacas, foi quando conseguiram entrar em nossa roça, as responsáveis desta vez por não colhermos nada, mesmo tendo ainda muito pasto para elas comer.

Nesta segunda tentativa diferente da primeira já não contava com ajuda de minhas primas, primo e irmãs, contava apenas com ajuda de minha avó no incentivo e instruções, que por si só já ajudou bastante, visto que, da outra vez os milhos não chegaram a ter um palmo de altura, e agora estavam com uns nove palmos. As folhas e as espigas estavam grandes e muito verdes, os cabelos já estavam mudando de cor, tinha também saído os brotos de mandioca, e alastraram os de batata-doce e abóbora.

E mesmo para mim, que sou iniciante na leitura das superfícies, não havia dúvidas que tinham sido elas, os rastros e o arraso deixado na lavoura declaravam por si só. Esse arraso se estendeu também para mim, mas não para minha avó que ao retornar da roça e contar sobre o que o elas haviam feito, seguiu em um diálogo mais o menos da seguinte forma:

Eu: Comeram tudo! Não deixaram sequer uma espiga!

Vó: Ixe, mais que bichos custosos, hein? Então acabaram achando lá?

Eu: Sim, acharam e comeram tudo, comeram até as folhas da mandioca.

Vó: É, pelo menos agora eles devem estar muito felizes por estarem com barriga cheia, né? Pensa na felicidade delas quando acharam aquele tanto de coisa para comer, são muito espertas mesmo.

O mesmo aconteceu ao ir na casa de um de nossos vizinhos, o Manuel, que ao chegar em sua casa disse ter ouvido o que o gado teria feito na roça, e seguiu por dizer que teria que ir atrás

dos rastros deles para descobrir por onde eles estavam entrando, e fechar com arame. Dizendo também que como os bichos são pagãos, não sabem de nada não, e acabando por me perguntar em tom de brincadeira, se eu havia avisado para eles não entrarem lá, pois caso não, como eles iriam saber?

De início tudo isso me soou bastante esquisito, pois não entendia o que queriam dizer com as expressões espertos e pagãos, e como elas se encaixavam nesse contexto, etc. E como a cerca poderia ser uma forma de remediar a situação, mesmo que, às vezes, independente de quão forte ela seja, com suas inúmeras estacas e metros de fios de arame não é capaz de conter quem deveria, que seria limitar a saída ou entrada do gado ou equinos nas roças, no quintal, nas fazendas vizinhas e etc, e esta seria uma das principais funções que a cerca deveria cumprir; uma outra é demarcar a terra.

Contudo, não havia então uma certeza objetiva de que uma vez posta a cerca isso não mais voltaria a ocorrer, e também não é possível correr pareia com eles pois não iriam entender. Diz-se que suas ações não foram realizadas tendo em vista arruinar ou causar danos. O caminho sugerido a ser seguido vai em sentido contrário a uma reação de levar esse acontecimento como catastrófico, por interromper o ciclo de criação das plantas, mas apenas como uma eventualidade que fez com que seu circuito fosse alterado. Pois, o seu fim não seria tão diferente do qual ele teve junto ao gado, a diferença mais significativa é que foi consumido por animais diferentes para qual foi projetado, não perdendo o sentido do que foi plantado.

Não há desta forma espaço para se pensar que houve um desperdício daquilo que estava sendo produzido em relação ao tempo e o espaço, pois não é sistema de culpabilização pelas ações dos animais, mas de olhar como houve o interesse e o uso de

suas capacidades fisiológicas para achar um lugar que dava para entrar. A percepção de suas habilidades neste sentido é agraciada de modo a se conformar com seus limites e potencialidades, e não de repreendê-las, pois isto vai de encontro aos seus desejos e medos. Seguir por vias que levam a esse desencontro, ou seja, de tentar fazer com que compreendam o mundo à nossa maneira, é interpretada na maioria das vezes com graça, e quando através da violência, como barbárie.

## A Lua e o Caruncho

Há exatamente dois anos atrás quando ainda estava na roça, a atividade que seguia de empreitada naquele momento era a de ampliar a casa e fazer algumas camas. A ampliação da casa consistia na construção de uma área, cozinha, banheiro e também em colocar e mudar algumas tábuas de lugar para transformar um dos cômodos em quarto. Uma atividade que para a sua realização não era difícil entender o processo, que consistia basicamente em ir até a mata, escolher uma árvore para derrubar, tirar os casqueiros e depois as tábuas, vigotas e caibros e arrastá-los até em casa.

Figura 4 - Abrindo a árvore. Fazenda córrego do Palmito



*Fonte: Acervo pessoal do autor. 8 de outubro de 2020, arquivo pessoal,*

Contudo, a facilidade fica só na parte do entendimento, pois na prática o processo era bem mais complexo e exaustivo, a iniciar pelo fato que boa parte deste processo ter de ser feito praticamente de modo manual, tanto o de derrubar a árvore, quanto arrastar e fixá-las no lugar. Para isso, as principais ferramentas utilizadas para a realização foram a motosserra para cortar a árvore; cordas para amarrar puxar as tábuas, vigotas, caibros e esteios; alavanca e cavadeira para furar os buracos onde iriam fixar as madeiras.

As construções de casas tendo apenas a madeira como o principal material ainda é bem comum na região, e em outras

horas também sendo implementada com o barro, chamadas casas de adobe. O uso da madeira também se estende para os currais, cercas, porteiras, prateleiras, pontes, mesas etc., sendo necessárias até mesmo no cozinhar, que se dá através de sua queima, para a conversão em energia térmica. E também não posso deixar de mencionar no campo medicinal, em que suas cascas, raízes e frutos guardam consigo o poder de depurar o sangue, cicatrizar, desinflamar feridas, etc.

A relação com as plantas é vivenciada como base para continuidade da vida neste contexto, indo desde a construção das casas, a limitação e ligamento dos espaços, no manter e preservar da vida. Uma íntima relação que foi trilhada no passar de muito tempo e sua transmissão se dá majoritariamente através da oralidade, absorvida através de fazeres práticos, como é caso da história da ampliação da casa que irei contar nas próximas linhas. As plantas mencionadas cumprem determinadas funções e se tratam de um emaranhado de relações que se dá nas mais diversas ordens da vida e que são atribuídos aos mais variados fins. Essas, por sua vez, não são fechadas em si mesmos, mas são cosmos que se relacionam entre si, fazendo por vezes limitar ou expandir as possibilidades da continuidade da vida.

Voltando agora no caso da extração da madeira para ampliação da casa, os cálculos que levam à escolha da espécie de árvore a ser utilizada não são probabilísticos, mas são analisados minuciosamente, que se inicia pela questão de ser ou não madeira de lei. Pois, são somente estas que são entendidas como capazes de suportar o tempo, a pressão do peso, e alguns casos as chuvas. As principais árvores encontradas por estas bandas com tais características são o angico, angelim, aroeira, cascudo, carvoeiro, jatobá e pau-brasil, geralmente o cerne de todas elas tem a cor vermelha ou marrom escuro.

Figura 5 - As vigotas e caibros para área. Fazenda córrego do Palmito



*Fonte: Acervo pessoal do autor, 10 out. 2020.*

A resistência oferecida por estas madeiras não se restringe somente ao tempo, mas também no decorrer de todo o processo de extração, no arrastar e fixar por serem pesadas. Contudo, toda esta resistência para a arquitetura das casas, dos móveis e utensílios, não se mostra eficiente contra o poderoso poder da lua, que a depender de sua fase, no dizer popular, intensifica as possibilidades dos ataques dos pequenos carunchos que fazem dela sua nova morada, se reproduzindo e comendo até transformá-la em pó.

Esses mesmos pequenos bichinhos também aparecem em outras ocasiões, como por exemplo, na hora de plantar,

colher, processar e estocar os alimentos. Praticamente quase toda planta é um bom lugar para o pequeno caruncho morar. Estes são percebidos através dos buracos deixados nas madeiras, nos frutos de algumas plantas, no crescimento dentro dos pacotes de arroz, de feijão, nas espigas de milho e etc. Sendo então um habitante não muito amigável por suas condutas de destruição. Sua presença é tratada de modo geral como indesejável naquilo que se empenha tempo e esforço para ser realizado, fazendo às vezes parar ou acelerar certos fazeres, para que as possibilidades de encontro e proliferação deles sejam reduzidas.

Com isso, seja ele no sentido de tirar madeira para construir, plantar ou estocar alimentos, que são passos que precisam ser dados, e que por sua vez estão suscetíveis a serem cruzados pelos carunchos. Fazendo com que se empenhe também bastante tempo e esforço para articular as melhores práticas e estratégias de modo a encontrar os melhores caminhos que possibilite fugir deles, através de coordenadas descritas como incertas, mas existentes. Em meio a este embaraço para entender como os artifícios desta política, um dia, minutos antes de apagar as luzes para todos dormirem, pedi ao meu Tio avô Manuel, que explicasse “o que a lua governava?” E ele me respondeu com as seguintes palavras:

Que a lua governa? A lua governa a plantação, a criação, ela governa tudo. Cê quer exemplo? Se você capar um porco na mingunte ele engorda mais atrás do que na frente, outro exemplo é, se você matar ele na nova, a banha dele rende mais. O milho se plantar na nova ele caruncha tudo, o coqueiro é a mesma coisa se plantar na nova ele só vai dar coró. O feijão não pode nem arrancar e nem debulhar na força da nova que caruncha também, o arroz é outro se mexer com ele fora do

tempo não aproveita nada. Até no cabelo ela manda, se você corta o cabelo na minguante ou na crescente ele afina e diminui, se corta na nova ele fica rebelde, fica grosso e cheio com pontas duplas. A chuva acompanha a lua também, quando a chuva pega na minguante ela dura e é muito, aí cê vê que até o vento vai junto. Olha procê vê o caso do Bequinha, o Bequinha não acreditou quando foi tirar madeira para ele, e falou que não tinha esse negócio de lua é nada, pois ele teimou, e foi tirar na nova e a madeira carunchou tudo. Pra vê o tanto que ela manda é só ir na passagem dela, é só olhar que você vai ver que tudo tá diferente, é o rio que tá mais cheio, o vento correndo mais rápido, os bichos andando mais no pasto, e por vai. A lua quando ela vai entrando a face dela é virada pra cá ou para lá, então ela está entre a minguante ou a crescente. Ela nasce fininha que é a nova, ai ela vai engrossando, crescendo até ficar redonda, ficou redonda é cheia, depois da cheia ela vai diminuindo, minguando, até se tornar nova de novo. Oh, o povo de antigamente sabia disso tudo, fazia experiência pra tudo e hoje em dia o povo não liga pra isso. Esse conhecimento, é conhecimento do povo quem não sabe disso só dá testada, só dá passo errado. (Entrevista concedida por Manuel Pires, em 23/10/2020)

Esse diálogo foi um dos primeiros a serem gravados por mim, que logo nos dias seguintes fazendo a transcrição, tudo pareceu ser muito difícil de levar a sério. Pois, como seria possível obter algo diferente daquilo que estávamos habituados a fazer igual a todos os demais dias? Como esperar por quase um mês para continuar a execução de algo que era de todas a melhor opção? Não dar o passo errado? Ela manda em tudo? Como esse sistema de linguagem simbólica funciona? Questões desse gênero foram só aumentando minhas inquietações, e meias certezas que

os contratempos encontrados como o caruncho por exemplo, seria devido a diferença na execução dos fazeres e não de quando se está fazendo.

A inquietação com o passar do tempo foi aumentando, até surgir o interesse de realmente entender esta política astrológica, que dita quando se deve parar ou continuar os fazeres. E aderir a perspectiva de que não bastava só o querer fazer as coisas, mas de se adequar, adaptar, se sincronizar com o tempo que está passando, que está correndo, para falar nos termos proposto por Serres (1994) em “O contrato Natural”, com o tempo do calendário, com tempo que ainda não vivemos. Os ritmos e alcances do mundo são discutidos dentre outros modos e situações, através do respeito ao tempo “das chuvas, dos ventos”, e neste caso o da lua.

Preocupada com isso, os cuidados de minha avó em relação às fases da lua eram redobrados, considerando os possíveis desvios no curso dos resultados finais, militava ativamente para os dias que se deveria suspender ou continuar as atividades. Algo que acontecia da noite para o dia literalmente, se no dia seguinte ainda regesse a governança da minguante, cuja fase é percebida como proveitosa para este tipo de tarefa podíamos continuar; mas se caso já passasse a reger a nova, tudo deveria ser imediatamente parado. Se fazendo necessário dali em diante levar todas as ferramentas, as garrafas de águas e garrafões com óleo e gasolina para casa de volta e aguardasse a passagem das outras três fases da lua, até que a minguante voltasse a governar.

Como participava ativamente deste processo, as primeiras vezes que foi me falado sobre a necessidade de ter que carregar de volta para casa todas as ferramentas e também de repensar na reestruturação das dinâmicas, me causou uma certa inquietação e incômodo. Primeiro, que os acessos aos locais geralmente não são

fáceis, inclusive em um deles era necessário passar pelo córrego, subir uma serra bastante íngreme e depois passar por uma ponte improvisada, chamada de pinguela. Segundo, que a reestruturação de uma nova rotina toma muito tempo, sendo necessário discutir as funções, e o que iria ser feito, como iria ser feito, quais ferramentas iriam ser necessárias e etc. Argumentos, que mesmo às vezes sendo escutados pacientemente por minha avó, sobre dificuldade que demandava a rearticulação das atividades, e o levar e trazer de todas as ferramentas pouco fazia diferença na hora de tomar a decisão final. A decisão era tomada a partir de debates na maior parte das vezes travado entre minha avó e meu primo João Márcio, que na época era o mestre da obra. Havia vezes que os debates duravam horas, e se recorria até mesmo ao calendário pendurado na parede da sala, para averiguar se era ou não prudente prosseguir.

Os debates eram sempre conduzidos tendo em vista as possibilidades do que irá acontecer, analisadas por meio de quando se inicia e até quando irá durar o exercício de força, da fase de transição etc. Nesse sentido, os primeiros contatos que tive com esse mecanismo de linguagem que busca dialogar com mundo me fizeram cansar pelo fato de que, aquilo que estava sendo falado como real e que minhas ações poderiam ser mudadas, mas as deles não. Além do mais, no cerne dos argumentos era sempre munido de experiências passadas relatadas e vivenciadas na prática, que se sobrepunha a todas as dificuldades por mim encontradas, e que logo era retirado dos debates de parar ou continuar a empreitada. E com razão. Mesmo durante dias após transcrever e escutar novamente a gravação do meu Tio Manuel, ainda não compreendia como isso seria possível a lua exercer influência até mesmo em nossos cabelos e unhas, nos animais, plantas etc. E mais ainda, como fizeram para descobrir sobre a

influência da lua. E que mesmo que a lua governasse tanto como estavam falando, como eles acompanham os diálogos com esses seres que por si só já interagem entre si. Assim, o que estava sendo dito é que conosco ou sem nós os animais, os astros e todos os demais seres do mundo se relacionam e irão se relacionar, e que se observando e seguindo seus modos, costumes e rastros deixado sobre o mundo dá para se aproximar do que estão tratando. Criando assim sempre cenários possíveis dos desfechos dos diálogos, através da entonação de vozes em meio aos diversos debates travados entre eles para se antecipar os rumos que as discussões irão tomar, em constante processo de confluir para advogar em prol de determinados seres e contra outros.

Seria como tentar saber o que cada fase da lua anda conversando com as plantas, com os animais, com as águas, e demais seres e astros, e eles com ela, e como cada uma das fases se mostra mais proveitosa para cada espécie. Um giro de meia lua na forma de pensar as relações com o mundo, de perceber como há uma troca de influências entre todos os seres que compõem o cosmos, que se constitui por forças visíveis e invisíveis. Para traçar coordenadas que foquem em fugir de contratempos trilhando rotas que considera os desfechos passados, como uma aproximação do que se espera para o futuro, e não como uma certeza por se tratar de cosmos independentes.

Uns dos principais pontos defendidos que sustenta a criação destas rotas de fuga, é posto como o fato de ser ou estar veaco com o “tempo da lua”, por talvez o tempo, e os recursos investidos para se criar mecanismos para matá-los, seja inferior aos obtidos apenas não “dando passo em falso”, como disse meu Tio Manuel, certa vez. Deste modo, o ato de esperar pelo momento certo para dar continuidade ou parar a empreitada, se revela como uma maneira de saber “aproveitar” dos melhores

momentos dos astros, das plantas, dos animais, etc. E em sentido contrário, de modo que não considera as nuances do tempo, abre-se precedentes para que toda caminhada dada na empreitada de colher, plantar, construir e afins, seja perdida.

Os desentendimentos neste cosmos são, então, frutos de especulações acerca dos possíveis desdobramentos do mundo, que são correlacionadas com acontecimentos ressignificados do passado no presente, e projetando como fundamento para o futuro. O ponto é que não se almeja reviver o que foi vivido no passado, ou criar meios para que venha a se repetir, a perspectiva por outro lado é de lidar e tomar precaução com o que ainda está por vir. Félix Guattari (2009) inclusive, faz uma interessante ressalva em relação a este ponto de vista em “As três ecologias” quando diz,

que estará daqui em diante na ordem do dia é o resgate de campos de virtualidade “futuristas” e “construtivistas”, [...] pois “o inconsciente permanece agarrado em fixações arcaicas apenas enquanto nenhum engajamento o faz projetar-se para o futuro. (p. 19)”.

A pesquisa neste sentido, buscou priorizar compartilhar ensinamentos sobre uma consciência ecológica, vivenciada na prática e na existência coletiva, de modo a levar à tona outros modos de se experienciar e viver o mundo. Através de uma engajada tecnologia guiada a partir de formas residuais, articuladas através de cuidadosas e ora provisórias especulações de rastros deixados sobre a terra, visando através deles imaginar os acontecimentos, considerando a atuação lunar. As articulações dessas formulações são regidas pela impermanência e a incerteza, dado que ele não tem como pretensão “reter ou conter algo incomensurável, de

forças desproporcionais” (Vieira, 2015, p. 385). Pois, como segue dizendo a autora, tal atitude pode ser lida como presunçosa e ofensiva a estes tipos de saberes. A ideia foi acompanhar como sua influência lunar foi e costuma ser exercida em suas diferentes fases, na perspectiva de ressaltar a percepção de poder aproveitar a sua influência no decorrer do cotidiano, em um processo de sintonizar o ritmo que vibra suas forças. Em um contraponto que é feito entre os seus ciclos e a recorrência dos fazeres, mensurados através de um olhar sensível a mais simples, até as mais radicais alterações dos acontecimentos. Apreendidas nas mais diferentes ordens da vida, tais como: semear, colher, caçar, na chuva, no vento, cortar os cabelos, pescar, manusear o barro, produzir utensílios de madeira, etc.

## Considerações Finais

31

Com base nessa breve análise, foi possível identificar algumas tecnologias, mecanismos que integram o conjunto de articulações utilizados pelos agricultores de Cavalcante e Minaçu, para tentar adentrar em meio aos diálogos que não ocorrem no âmbito humano. Que se trata de uma série de diálogos ocorrendo ao mesmo tempo, em um mesmo lugar, todas as redes de informações seguidas são sempre postas no campo da suposição, da possibilidade de ter entendido o que estava sendo dialogado, por exemplo: uma planta não prosperar em determinado lugar porque está magoada por estar afogada pelo sol, falta água ou por ter mexido na lua que não é boa para ela e não favorece seu desenvolvimento.

As articulações são realizadas através de sinais que são marcados ou escutados ao longo do ano, como as pegadas gravadas pelas vacas dizendo para onde elas podem ter ido, ou dos passarinhos que o seu canto às vezes revela a chegada de

determinados frutos, visitas ou tragédias. A ênfase que se coloca é que esses diálogos de certo modo ocorrem, algumas vezes até mesmo em um plano mais íntimo, como nos sonhos, que podem aparecer como imprecisos, mas existentes, tendo que permanecer sempre veaco em relação a eles.

Buscando explorar as consequências de ignorar as limitações do controle humano no mundo, partindo de premissas que sustentam a necessidade da adoção desta atitude de precaução, e os caminhos percorridos para obtenção de seu entendimento. Através de acontecimentos que põem em xeque o pensamento moderno de domesticar a paisagem, seguindo, portanto, por vias que desvela a fragilidade deste tipo de pensamento para lidar com as mudanças do mundo, e visando falar dos modos utilizados para ampliar as relações de mutualidade com os demais seres que compõem o mundo.

## Referências

GUATTARI, F. **As três ecologias**. 20. ed. Trad. Maria Cristina F. Bittencourt. Campinas: Papirus, 2009. 56p.

LATOUR, Bruno. **A Ecologia política sem a natureza?** Trad. de Maria Thereza Sampaio. Proj. História, SP, 23, nov. 2001.

SERRES, Michel. **O contrato natural**. Trad. Serafim Ferreira. Lisboa: Instituto Piaget, 1994.

STENGERS, Isabelle. **A proposição cosmopolítica**. Revista do Instituto de Estudos Brasileiros, [S. l.], n. 69, p. 442-464, 2018. DOI: 10.11606/issn.2316-901X.v0i69p442-464. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/rieb/article/view/145663>. Acesso em: 19 abr. 2021.

STRATHERN, Marilyn. **O efeito etnográfico e outros ensaios**. Coord. editorial: Florencia Ferrari. Trad. Iracema Dullei, Jamille Pinheiro e Luísa Valentini. São Paulo: Cosac Naify, 2014. 576 p.

TSING, A. Margens indomáveis: cogumelos como espécies companheiras. Ilha: **Revista de Antropologia**, v. 17, n. 1, p. 177-201, 2015.

VIEIRA, Suzane. **Resistência e pirraça na malhada: cosmopolíticas quilombolas no Alto Sertão de Caetité**. Orientador: Marcio Goldman. 2015. 425 p. Tese (Doutorado apresentada ao Programa de Pós-graduação em Antropologia Social) - Museu Nacional, da Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2015.

VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. **A natureza em pessoa: sobre outras práticas de conhecimento**. Visões do Rio Babel: conversas sobre o futuro da bacia do Rio Negro, Manaus, p. 1-14, 25 fev.

2007.

Krenak, Ailton. **Ideias para adiar o fim do mundo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

CABALLERO, FUJIGAKI, VIEIRA. **Por una antropología de la vida frente a la catástrofe ambiental**. Tlacuache. 1019, 2022. Disponível em: [https://files.cercomp.ufg.br/webby/up/1248/o/Caballero\\_Fujigaki\\_Vieira.\\_Por\\_una\\_antropolog%C3%ADa\\_de\\_la\\_vidaTlacuache\\_1019.\\_2022.pdf?1674701275](https://files.cercomp.ufg.br/webby/up/1248/o/Caballero_Fujigaki_Vieira._Por_una_antropolog%C3%ADa_de_la_vidaTlacuache_1019._2022.pdf?1674701275)